

Deuteronômio 26: A Teologia da Gratidão e a Identidade do Povo de Deus

Um comentário bíblico exegético, versículo a versículo, com perspectiva cristocêntrica e aplicação prática — baseado na versão King James Atualizada (KJA)

 COMENTÁRIO EXEGÉTICO

 CRISTOCÊNTRICO

 ACADÊMICO

Introdução: O Ritual como Memória

Deuteronômio 26 constitui o encerramento majestoso do bloco legislativo central do livro (capítulos 12–26), oferecendo uma transição litúrgica de excepcional profundidade teológica. Neste capítulo, a lei deixa de ser apenas normativa para tornar-se narrativa vivida: o adorador não apenas obedece a preceitos, mas recita a história da redenção como ato de culto. Trata-se de uma teologia encarnada, onde a memória histórica e a prática ritual convergem em adoração transformadora.

Os ritos litúrgicos aqui descritos — a oferta das primícias e o dízimo do terceiro ano — não são meros formalismos religiosos. Eles transformam a posse da terra prometida em ato de adoração, convertendo o econômico em teológico e o cotidiano em sagrado. A teologia deuteronômica compreende que a prosperidade material pode gerar o mais perigoso dos pecados: a autossuficiência que esquece a graça. Por isso, o ritual é instituído como antídoto — uma liturgia da memória que preserva a humildade e cultiva a gratidão como virtude central da vida pactual.

Cristocentricamente, este capítulo aponta para Cristo, o verdadeiro adorador que ofereceu a si mesmo como primícia ao Pai (1 Coríntios 15:20). Em Cristo, toda a nossa gratidão encontra sua expressão perfeita e toda oferta ganha seu sentido último. O crente do Novo Testamento é convidado a ver em Deuteronômio 26 um espelho profético da espiritualidade cristã: lembrar, reconhecer, ofertar e celebrar a graça redentora de Deus.

Memória como Culto

Relembrar a história da redenção é um ato de adoração, não apenas recordação histórica.

Gratidão como Antídoto

A liturgia das primícias protege o povo contra a autossuficiência e o orgulho da prosperidade.

Cristo como Primícia

Jesus é o cumprimento perfeito de toda oferta — a primícia dos que dormem (1Co 15:20).

Versículos 1–2: A Colheita e as Primícias

"E acontecerá que, quando entrares na terra que o Senhor, teu Deus, te dá por herança, e a possuíres, e nela habitares, tomarás das primícias de todos os frutos da terra, que colheres da terra que o Senhor, teu Deus, te dá; e os porás em um cesto, e irás ao lugar que o Senhor, teu Deus, escolher para ali fazer habitar o seu nome." — Deuteronômio 26:1-2 (KJA)

O estabelecimento na terra prometida é explicitamente descrito como *dádiva divina*, não como conquista humana ou mérito coletivo. O verbo hebraico נָתַן (natan — "dar") aparece com força programática: a terra é herança concedida, não recompensa conquistada. Esta distinção teológica é fundamental para compreender a espiritualidade que permeia todo o capítulo. O povo que entende a terra como presente é povo que adora; o povo que a entende como conquista é povo que se glorifica a si mesmo.

A instrução para selecionar as *primícias* — os primeiros e melhores frutos da colheita — e colocá-las em um cesto revela uma teologia da prioridade: o melhor pertence ao Senhor, não as sobras. A palavra hebraica בִּכּוּרִים (bikkurim) designa especificamente os frutos que aparecem primeiro, aqueles que representam a promessa de toda a colheita. Ofertar as primícias era um ato de fé radical: era reconhecer, antes mesmo de saber o tamanho da colheita final, que Deus é digno do melhor.

O lugar que o Senhor escolher para ali fazer habitar o seu nome aponta para a centralidade da adoração pública e comunitária em Deuteronômio. Não havia adoração privada isolada; o culto era ato comunitário, público e geográfico. Em Cristo, esse lugar é ressignificado: Ele mesmo é o templo (João 2:21) e nós, o seu corpo. A adoração neotestamentária é tanto comunitária quanto cristocêntrica.

i Aplicação Prática: Assim como Israel oferecia o primeiro e o melhor, o crente cristão é chamado a dar a Deus a prioridade de sua vida — não apenas recursos financeiros, mas tempo, talentos e decisões. A primícia espiritual é colocar o Reino de Deus em primeiro lugar em todas as esferas da vida (Mateus 6:33).

Versículo 3: A Declaração ao Sacerdote

"E irás ao sacerdote que houver naqueles dias, e lhe dirás: Declaro hoje ao Senhor, teu Deus, que entrei na terra que o Senhor jurou a nossos pais que nos daria." — Deuteronômio 26:3 (KJA)

Este versículo introduz um elemento de rara beleza teológica: a *confissão pública de fé* que acompanha a oferta material. O ato de adoração não é silencioso nem meramente gestual — ele exige a verbalização da fé, o testemunho público da fidelidade de Deus. O verbo hebraico הִגַּדְתִּי (higgadti — "declarei" ou "anunciei") implica uma proclamação solene, não uma mera formalidade.

A declaração é específica e historicamente ancorada: *"Entrei na terra que o Senhor jurou dar aos nossos pais."* O adorador não faz uma afirmação vaga sobre a bondade de Deus; ele conecta sua experiência presente ao juramento divino dado aos patriarcas. Há uma linha ininterrupta de fidelidade que une Abraão, Isaque e Jacó ao adorador que está diante do altar. Esta é teologia da promessa cumprida — o Deus que prometeu é o Deus que cumpre.

O sacerdote como mediador que coloca o cesto diante do altar aponta tipologicamente para Cristo, nosso Sumo Sacerdote (Hebreus 4:14-16), que apresenta nossas ofertas ao Pai e intercede por nós. Nenhuma oferta chega ao trono de Deus sem passar pela mediação de Cristo.

O Sacerdote como Tipo de Cristo

O sacerdote em Deuteronômio 26 é tipo do nosso Sumo Sacerdote eterno:

- Recebe a oferta do adorador
- Apresenta o cesto diante do altar
- Media a relação entre o povo e Deus
- Cristo cumpre definitivamente esse papel (Hb 7:25)



Aplicação Prática: O crente neotestamentário é chamado a confessar publicamente a fidelidade de Deus. O testemunho é parte integral do culto cristão — "confessai uns aos outros" e "proclamai as obras do Senhor" são imperativos da vida da fé.

Versículos 4–5: A Raiz Aramaica — O Antepassado Errante

"E o sacerdote tomará o cesto da tua mão, e o porá diante do altar do Senhor, teu Deus. E tu pronunciarás e dirás diante do Senhor, teu Deus: Um arameu prestes a perecer era meu pai, e desceu ao Egito, e ali peregrinando viveu com poucos homens, e ali se tornou uma grande nação, forte e numerosa." — Deuteronômio 26:4-5 (KJA)

1

Jacó, o Arameu

Errante, frágil, dependente — a identidade original do povo é a vulnerabilidade, não a grandeza.

2

A Descida ao Egito

A providência de Deus conduz a família de Jacó ao Egito em meio à fome — sofrimento dentro do plano divino.

3

Nação Numerosa

O milagre da multiplicação: de poucos peregrinos a uma nação grande e poderosa pela graça soberana de Deus.

4

Herdeiros da Promessa

O cumprimento da bênção abraâmica — o povo que ora oferece as primícias é fruto da fidelidade de séculos.

A expressão "**arameu prestes a perecer**" é uma das declarações mais humildes e teologicamente carregadas de toda a Torah. Os estudiosos debatem se a referência é a Jacó (que viveu na Mesopotâmia aramaica durante sua fuga de Esaú) ou a Labão, o arameu que buscou destruir Jacó. Em ambas as interpretações, o ponto central permanece: a origem do povo é marcada pela fragilidade, não pela força.

Esta confissão de origem vulnerável é intencional e pedagogicamente precisa: o povo que está prestes a prosperar na terra precisa lembrar que sua grandeza não nasceu de si mesmo, mas da graça soberana de Deus. A *humildade histórica* é o fundamento da gratidão genuína. O perigo da prosperidade é esquecer a fragilidade original — e com ela, esquecer Deus.

Cristocentricamente, Cristo assumiu a condição de servo e peregrino (Filipenses 2:7; João 1:14) para identificar-se com os errantes e frágeis. A encarnação é o cumprimento definitivo desta teologia da humildade: Deus mesmo desceu à condição de vulnerabilidade para resgatar os que pereciam.



Aplicação Prática: Todo cristão deve cultivar uma memória honesta de sua condição antes da graça. Paulo lembra: "Éreis mortos em vossas transgressões" (Efésios 2:1). Conhecer a própria fragilidade original é o antídoto contra o orgulho espiritual e o fundamento da gratidão genuína.

Versículos 6–7: A Experiência da Opressão

"E os egípcios nos maltrataram e nos afligiram, e nos impuseram dura servidão. Então clamamos ao Senhor, Deus de nossos pais, e o Senhor ouviu a nossa voz, e atentou para a nossa aflição, e para o nosso trabalho, e para a nossa opressão." — Deuteronômio 26:6-7 (KJA)

O registro da escravidão no Egito não é suprimido nem minimizado na liturgia das primícias — ao contrário, é recitado com candura e precisão emocional. A sequência narrativa é intensa: *maltrataram, afligiram, impuseram dura servidão*. Três verbos que descrevem camadas crescentes de opressão. Esta honestidade sobre o sofrimento é característica da espiritualidade bíblica: a fé não apaga a dor, mas a integra na narrativa maior da redenção.

O versículo 7 apresenta uma das teologias do clamor mais ricas das Escrituras. O verbo hebraico נִצָּאֵךְ (nitsa'aq — "clamamos") descreve um grito desesperado, não uma oração composta. E a resposta divina é descrita em quatro verbos poderosos: *ouviu a nossa voz, atentou para a nossa aflição, para o nosso trabalho, para a nossa opressão*. Deus não apenas escuta — Ele *vê, conhece e age*. Esta é a teologia do Deus presente no sofrimento.

A memória da opressão serve como base teológica para a ética social de Israel. Por terem sido oprimidos, devem proteger o oprimido; por terem sido estrangeiros, devem acolher o estrangeiro; por terem clamado e sido ouvidos, devem ouvir o clamor do pobre. A dor redimida torna-se compaixão ativa. Cristocentricamente, Cristo carrega na Cruz toda a opressão humana — e sua ressurreição transforma o sofrimento em vitória.

- ✓ **Aplicação Prática:** O Deus que ouviu o clamor de Israel é o mesmo Deus que ouve o clamor do crente hoje. Nenhuma aflição escapa ao olhar divino. O cristão pode levar ao Senhor não apenas louvor, mas também sua dor mais profunda — pois o Pai que enviou o Filho ao sofrimento é o Deus que redime toda dor.

Versículos 8–9: Libertação com Mão Poderosa

"E o Senhor nos tirou do Egito com mão poderosa e com braço estendido, e com grande espanto, e com sinais e com maravilhas. E nos trouxe a este lugar, e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel." — Deuteronômio 26:8-9 (KJA)



Mão Poderosa

A expressão יָד חֲזָקָה (yad chazakah) é imagem de força irresistível. Nenhum poder humano ou demoníaco pode resistir à ação libertadora de Deus. Cristo venceu o inimigo pela mesma mão soberana do Pai.



Braço Estendido

evoca proteção, alcance e domínio. O braço de Deus que se estende para libertar Israel é o mesmo que em Cristo se estende na (zeroa netuyah) זְרוּעַ נְטוּיָה .Cruz para abraçar toda a humanidade



Sinais e Maravilhas

As pragas do Egito foram teologia em ação — cada uma demonstrava a soberania do Deus de Israel sobre os deuses egípcios. Em Cristo, o maior sinal é a ressurreição: vitória sobre o último inimigo, a morte.



Terra que Mana Leite e Mel

O cumprimento da promessa patriarcal em linguagem de abundância e bênção. Cada fruto da terra é evidência da fidelidade divina — um milagre cotidiano que deve gerar gratidão renovada.

A confissão litúrgica de Deuteronômio 26:8-9 é o coração do *Credo Histórico de Israel* — uma síntese narrativa da redenção que ressoa em toda a Escritura. Moisés condensa em dois versículos séculos de fidelidade divina: da opressão à libertação, do deserto à herança. Esta narrativa comprimida é o DNA da fé bíblica: um Deus que age na história, que liberta com poder e que cumpre suas promessas.



Aplicação Prática: O cristão possui seu próprio "credo histórico": foi escravo do pecado, foi libertado pela Cruz, e caminha em direção à herança eterna. Lembrar essa narrativa com gratidão é um ato de resistência espiritual contra o esquecimento e a ingratidão.

Versículos 10–11: A Alegria no Santuário

O Ato de Prostração

"E agora eis que trouxe as primícias dos frutos da terra, que me deste, ó Senhor. E as porás diante do Senhor, teu Deus, e te prostrarás diante do Senhor, teu Deus." — v.10

A prostração — **הִשְׁתַּחֲוִיתָ** (hishtachavita) — é o gesto mais eloquente de adoração: o corpo inteiro expresso em reverência. Ofertar e prostrar-se são atos inseparáveis; a oferta sem humildade é transação, não adoração.

O Banquete da Alegria

"E te alegrarás em todo o bem que o Senhor, teu Deus, te deu a ti e à tua casa, tu, e o levita, e o estrangeiro que está no meio de ti." — v.11

A alegria aqui não é individual — é comunitária e inclusiva. O banquete da celebração deve incluir o levita (que não possuía herança territorial) e o estrangeiro (o imigrante vulnerável). A provisão de Deus deve transbordar para o próximo. Esta é a ética da gratidão.

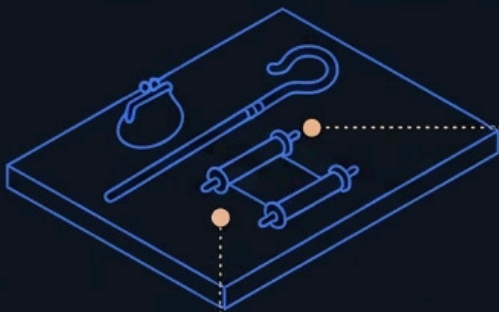
A teologia deste par de versículos une dois movimentos indissociáveis: a adoração vertical (prostração diante do Senhor) e o serviço horizontal (inclusão do levita e do estrangeiro no banquete). O culto que não gera compaixão é culto incompleto. Deuteronômio entende que a verdadeira adoração a Deus necessariamente se traduz em cuidado com o próximo vulnerável.

Cristocentricamente, Jesus une esses dois mandamentos como os maiores de toda a lei: amar a Deus de todo o coração e amar o próximo como a si mesmo (Mateus 22:37-40). O banquete escatológico do Reino de Deus — prefigurado no Deuteronômio — será a celebração definitiva onde todas as nações serão incluídas na alegria da salvação.

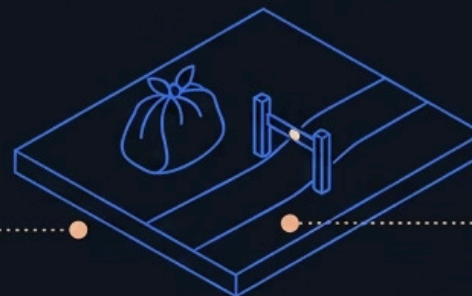
- ✓ **Aplicação Prática:** A alegria cristã não pode ser privatizada. Quem genuinamente celebra a graça recebida é impulsionado a incluir o excluído, a alimentar o faminto, a acolher o estranho. A Eucaristia cristã é a primícia deste banquete eterno onde todos têm lugar à mesa do Senhor.

Versículos 12–13: O Dízimo do Terceiro Ano

"Quando acabares de tirar todos os dízimos dos teus frutos no terceiro ano, o ano do dízimo, e os deres ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, para que comam dentro das tuas portas e se fartem; então dirás diante do Senhor, teu Deus: Tirei da minha casa a porção sagrada, e também a dei ao levita, e ao estrangeiro, e ao órfão, e à viúva, conforme todos os mandamentos que me ordenaste; não transgredi nenhum dos teus mandamentos, nem me esqueci deles." — Deuteronômio 26:12-13 (KJA)



Levita - Sem Herança



**Estrangeiro -
Imigrante Vulnerável**



**Órfão - Sem Proteção
Pai**



**Viúva - Socialmente
Desamparada**

O dízimo do terceiro ano — também chamado de *dízimo dos pobres* — não era entregue ao santuário central, mas distribuído localmente para os quatro grupos mais vulneráveis da sociedade israelita. Esta legislação representa uma das mais avançadas políticas de bem-estar social do mundo antigo, fundamentada não em filantropia voluntária, mas em obrigação pactual diante de Deus.

A *prestação de contas litúrgica* do versículo 13 é notável: o adorador declara perante Deus que cumpriu integralmente a obrigação. Esta transparência diante do Senhor revela que a justiça social em Israel não era opcional nem secundária — era parte essencial da obediência à aliança. Deus não aceita adoração que ignora o sofrimento do vulnerável ao lado.

Versículo 14: Integridade na Oferta

"Não comi dela no meu luto, nem a tirei sendo imundo, nem dei dela aos mortos; obedeci à voz do Senhor, meu Deus; fiz conforme tudo o que me ordenaste." — Deuteronômio 26:14 (KJA)

"Não comi dela no meu luto"

O alimento consagrado não podia ser consumido em contexto de luto ritual, que implicava impureza cerimonial. A separação entre o sagrado e o contaminado deve ser preservada. A oferta ao Senhor exige pureza de contexto.

"Nem a tirei sendo imundo"

A impureza ritual — resultante de contato com morte, doenças ou outras fontes bíblicas de contaminação — impossibilitava o manejo do sagrado. Não era rejeição do ofertante, mas chamado à preparação e santificação antes da aproximação ao Santo.

"Nem dei dela aos mortos"

Referência provável a práticas de ofertas funerárias cananéias — comida depositada nos túmulos para os mortos. Israel era chamado a uma separação radical das religiões de fertilidade e culto aos ancestrais que permeavam Canaã.

Este versículo representa uma das declarações de integridade ritual mais completas do Antigo Testamento. O adorador afirma não apenas o que fez, mas também o que *não fez* — a integridade negativa é tão importante quanto a positiva. A santidade dos recursos separados para Deus deve ser preservada em todas as circunstâncias, inclusive nas mais difíceis (luto) e nas mais tentadoras (práticas religiosas populares ao redor).

Cristocentricamente, Cristo, nosso Sumo Sacerdote, ofereceu-se a si mesmo *sem mancha* (Hebreus 9:14) — a integridade perfeita que nenhum adorador humano pode alcançar. Nossa integridade é sempre relativa; a d'Ele é absoluta. É em sua pureza que nossas ofertas imperfeitas são aceitas pelo Pai.

❏ **Aplicação Prática:** A integridade nas ofertas hoje inclui honestidade nos dízimos, transparência financeira nas igrejas, e a recusa de usar recursos consagrados para fins pessoais ou mundanos. O que pertence a Deus deve ser tratado como tal — com reverência e precisão.

Versículo 15: O Clamor pela Bênção

"Olha desde a tua santa habitação, desde os céus, e abençoa o teu povo Israel, e a terra que nos deste, como juraste a nossos pais; terra que mana leite e mel." — Deuteronômio 26:15 (KJA)

Após a declaração de obediência e integridade, o adorador ergue sua voz em *petição*: **"Olha desde a tua santa habitação, desde os céus, e abençoa."** Esta sequência — confissão, cumprimento do dever e petição — revela uma espiritualidade madura que entende que mesmo após obedecer completamente, permanecemos dependentes da graça soberana de Deus.

A expressão *"santa habitação desde os céus"* — מֵעוֹן קִדְשָׁהּ (me'on qodshekha) — afirma a transcendência divina: o Deus que habita o santuário terrestre também habita os céus. Deus não está confinado a um templo; Ele reina soberanamente sobre toda a criação. Esta teologia previne o localismo religioso que confina Deus a um espaço.

A petição é coletiva — *"abençoa o teu povo Israel"* — não individualista. O adorador que ofereceu suas primícias pessoais agora intercede pela nação. A espiritualidade bíblica move o crente do particular para o universal, do pessoal para o comunitário.

A Oração como Selo da Aliança

O cumprimento do dever não elimina a necessidade da oração — ao contrário, a obediência abre a porta para a petição confiante.

- Olha desde os céus
- Abençoa teu povo
- Abençoa a terra dada
- Confirma teu juramento

i Aplicação Prática: O padrão de Deuteronômio 26:15 oferece um modelo de oração pastoral: cumprimos nossas obrigações, reconhecemos nossa dependência e pedimos bênção sobre a comunidade. A oração intercessória pela nação, pela Igreja e pelos vulneráveis é parte essencial da espiritualidade cristã madura.

Versículo 16: O Mandato da Aliança

"Neste dia te ordena o Senhor, teu Deus, que cumpras estes estatutos e estes juízos; guardá-los-ás, pois, e os cumprirás com todo o teu coração e com toda a tua alma." — Deuteronômio 26:16 (KJA)

1

O Mandato

"Neste dia te ordena o Senhor" — a Lei é entregue com autoridade soberana. Não é sugestão, mas mandato do Criador e Redentor de Israel.

2

Os Estatutos e Juízos

Os חֻקִּים (chuqqim) e os מִשְׁפָּטִים (mishpatim) representam respectivamente as leis cerimoniais e as leis civis — toda a ordem da vida pactual.

3

Todo o Coração e Alma

A obediência exigida não é externa ou mecânica. O לֵב (levav — coração) e a נֶפֶשׁ (nefesh — alma) indicam totalidade interior: a lei deve ser amada, não apenas cumprida.

Moisés encerra o bloco legislativo reafirmando o compromisso da obediência total. A ênfase no coração como centro do cumprimento da lei é característica deuteronômica fundamental — antecipa a nova aliança prometida em Jeremias 31:31-34, onde Deus escreverá sua lei no coração do povo, não apenas em tábuas de pedra.

A Lei em Deuteronômio não é percebida como um fardo opressivo, mas como a *estrutura da vida com Deus* — o caminho para a prosperidade, a segurança e o florescimento humano. Jesus não veio abolir esta compreensão, mas cumpri-la em sua plenitude (Mateus 5:17), internalizando a Lei em seu próprio coração e convidando os seus discípulos a fazê-lo pelo Espírito.



Aplicação Prática: O cristão que ama a Deus cumpre naturalmente o espírito da lei — não por compulsão, mas por amor. A obediência motivada pelo amor é a marca da maturidade espiritual e o cumprimento da promessa da nova aliança: *"Darei a minha lei no seu interior e a escreverei no seu coração."* (Jeremias 31:33)

Versículo 17: A Confirmação do Povo

"Hoje declaraste que o Senhor é teu Deus, e que andarás nos seus caminhos, e guardarás os seus estatutos, e os seus mandamentos, e os seus juízos, e que ouvirás a sua voz." — Deuteronômio 26:17 (KJA)



Declaração Soberana

"O Senhor é teu Deus" — reconhecimento da soberania absoluta de YHWH sobre toda a vida do adorador. Esta é a confissão central do Shema: Deus, e não nenhum outro, é Senhor.



Caminhada Obediente

"Andarás nos seus caminhos" — a relação pactual não é estática, mas dinâmica. Exige movimento, caminhada diária e progressão constante nos caminhos de Deus.



Guardar os Estatutos

Os estatutos, mandamentos e juízos formam uma estrutura integrada de vida. Guardá-los não é legalismo, mas fidelidade relacional ao Deus da aliança.



Ouvir a Voz Divina

"Ouvirás a sua voz" — a obediência começa pelo ouvir. O povo da aliança é, fundamentalmente, um povo que ouve. A fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus (Romanos 10:17).

Este versículo apresenta o lado humano da aliança bilateral. Se o versículo anterior apresentava o mandato divino, aqui temos a *declaração do povo*: Israel afirma publicamente sua lealdade ao Senhor. A linguagem do *pacto* permeia todo o versículo — este é o momento solene de renovação da aliança no qual Israel, voluntariamente, reafirma seu compromisso.

Cristocentricamente, este versículo é cumprido em Cristo de maneira perfeita e definitiva. Ele é o único que andou perfeitamente nos caminhos do Pai, guardou todos os estatutos sem falha e ouviu a voz divina com obediência total — até a morte na cruz (Filipenses 2:8). Em Cristo, somos incorporados nessa obediência perfeita e somos capazes, pelo Espírito, de andar nos caminhos de Deus.

Versículos 18–19: A Identidade como Tesouro

"E o Senhor hoje te declarou que és o seu povo peculiar, como te prometeu, para guardares todos os seus mandamentos; e te porá em louvor, e em fama, e em honra sobre todas as nações que fez; e serás um povo santo ao Senhor, teu Deus, como ele disse." — Deuteronômio 26:18-19 (KJA)

Possessão Peculiar

A expressão hebraica *עַם סְגֻלָּה* (am segullah) significa literalmente "povo de tesouro particular". Israel não é apenas um povo entre outros — é a posse exclusiva e preciosa de YHWH. Esta identidade é graça pura, não mérito humano.

Louvor, Fama e Honra

Deus promete exaltar Israel acima de todas as nações em três dimensões: *louvor* (תְּהִלָּה), *fama* (שֵׁם) e *honra* (תְּפִאָּרָה). Esta exaltação não é para glória de Israel, mas para a glória de Deus diante das nações — Israel como instrumento de revelação divina.

Povo Santo

"Serás um povo santo" — a santidade é a vocação identitária de Israel. *קָדוֹשׁ* (am qadosh) significa separado, consagrado, distinto para os propósitos de Deus. A santidade não é apenas moral, mas vocacional: ser diferente para testemunhar ao mundo.

Estes versículos finais encerram Deuteronômio 26 com uma proclamação teológica de extraordinária beleza: a relação entre Deus e seu povo é mútua, solene e transformadora. Deus declara o povo como seu tesouro; o povo declara Deus como seu Senhor. Esta reciprocidade pactual é o coração da espiritualidade bíblica.

A identidade de "povo peculiar" (am segullah) é retomada no Novo Testamento e aplicada à Igreja: *"Vós, porém, sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz"* (1 Pedro 2:9). A Igreja de Cristo é o novo am segullah — o povo-tesouro do Deus triúno, chamado a ser testemunha da redenção diante de todas as nações.

O capítulo inteiro de Deuteronômio 26 culmina, portanto, em missão: o povo redimido, identificado, abençoado e santificado existe para a glória de Deus entre as nações. A gratidão não é um fim em si mesma — é o combustível da missão. O crente que lembra a graça recebida, que oferta o melhor, que cuida do vulnerável e que reafirma sua aliança com Deus está posicionado para ser instrumento de *louvor, fama e honra* do Senhor no mundo.

— Assinatura —

Dr. Teologia Prof. Jônatas Silva da Cruz
Teólogo

"Que toda a nossa exegese, em última análise, conduza o coração humano ao encontro com o Cristo vivente — Alfa e Ômega de toda a Escritura."